

“Em nome de Moacyr Felix, e da vida que enfrentamos cotidianamente, o Prof. Gisálio faz uma reflexão intensa acerca da fé, da esperança e da caridade: sinais do humano, do demasiadamente humano.”

Matusalém Florindo

Em nome da vida¹

Gisálio Cerqueira Filho²

In memoriam de Moacyr Felix.

“Em nome da vida” é o décimo livro de Moacyr Félix, há 33 anos³ engajado na tarefa de tornar visível o invisível, como nos diz Paul Klee ao referir-se á arte e à função do artista.

Moacyr reivindica para si a fundamental necessidade do poeta “furar a transparência das coisas, mostrando as relações entre os objetos e os fenômenos que aparecem separados”. O verso, longo e direto, assume assim duas condições que o autor quer presentes: a libertação do sentimento, pois “sem paixão não há poesia” e a revelação substantiva, no plano dos conteúdos, de uma totalidade particularizada. Portanto, a poesia é “essencialmente uma negação do que é, resultando da experiência sofrida da alienação humana”. Nesse sentido, não apenas o verso longo e direto, mas as epígrafes, as notas introdutórias, as homenagens, as dedicatórias e, especialmente, a temática do *aggiornamento* correspondem a um fazer estético conscientemente elaborado, que visa ao “singular que se define quando se vê plural”. A poesia corresponde

¹ Originalmente publicado na “Folha de São Paulo”, Caderno FOLHETIM, São Paulo, 13/12/1981 e posteriormente citado em comentário pelo pensador católico Antonio Carlos Vilaça (PEN Clube), também falecido no Rio de Janeiro no ano de 2005. Preferimos homenagear o poeta, com este texto, que não envelhece...

² Cientista Político, Escritor e Poeta. Professor do Departamento de Ciências Sociais e do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal Fluminense. Acaba de publicar “*Autoritarismo afetivo: a Prússia como sentimento*”, Editora Escuta, São Paulo. 2005.

³ Moacyr Felix morreu em 2005, portanto com, pelo menos, 57 anos dedicados à arte poética.

então ao “ato individualíssimo através do qual o que se tem é o conhecimento particularizado de uma totalidade”.

“Em nome da vida” avança sem renegar a visão do mundo presente já em “O pão e o vinho” (1959). Todavia, aqui o poeta revela-se mais sofrido, mais atento à perplexidade da existência humana, mais sensível às contradições entre o pensar, o sentir e o agir.

Num certo sentido, podemos dizer que três são os temas abordados na poesia de Moacyr Félix: a fé, a esperança e a caridade; a despeito da postura materialista que o poeta quer sublinhar. Moacyr Felix tem guardado uma fidelidade íntegra a estas temáticas desde “O pão e vinho” (1959), passando por “Transformações humanas” (1964), “Um poeta na cidade e no tempo” (1966), “Canção do exílio aqui” (1977), “Neste lençol” (1977), a antologia “Invenção da crença e descrença” (1978) e “Em nome da vida” (1981).

Onde a fé?

A temática da fé nem sempre é fácil de ser surpreendida, mas ela aparece nas metáforas e metonímias que anos remetem às formações inconscientes no discurso (poético). Assim Moacyr Félix termina a sua “nota do autor”: “a necessidade de sonharmos e querermos um mundo que representasse o histórico atendimento a uma das mais bonitas preces da esperança humana – venha a nós o vosso reino assim na terra como no céu – e concretizasse, portanto, a utopia das bem-aventuranças pela imensa e revolucionária figura de um Cristo permanentemente crucificado nas paredes deste mundo injusto em que o amor não é a verdade, o caminho e a vida” (p. 13).

O título “Em nome da vida” aparece então como uma poderosa metáfora, sugestiva para quem (em 1981) comemora 33 anos de poesia, exatamente a mesma idade de Cristo, quando da crucificação, e onde o caminho é o da

libertação e o preço é o da luta, com sacrifício da própria vida (ver a primeira parte intitulada “O caminho e o preço”, pp. 29/43). A esses dados, junte-se ainda a epígrafe do Evangelho segundo São Mateus: “não julgueis que eu vim trazer a paz; eu vim trazer não a paz, mas a espada” (p.25). E recorde-se o interessante título “O pão e o vinho”, numa alusão precisa à comunhão e à eucaristia. Para que não paire nenhuma dúvida:

“Do outro lado da ponte renasci
mais uma vez morto-vivo, Lázaro
curvado ao peso de uma luz ferida,
como todo homem depois de cumprir
a travessia, a suada e lenta travessia
através da sua trigésima terceira morte”.

(*in* poema “Postal cristão”, 1981, p. 113)

Em Soneto, poema publicado no primeiro livro de Moacyr Félix “Cubo de trevas” (1948) e republicado em “Neste lençol” (1977) para mostrar a distância entre a noção de pecado presente no soneto de 1948 e o texto “não reprimido” de 1977 temos:

“Senhor, Senhor, a Ti suplico e imploro
a tão guardada chave das prisões
em que desmorona o Deus que choro
de carne e sonho feito, e de canções (...)
Te lanço os restos de uma fé perdida
que Tu permitas louco que gaste a vida
ou dá-me forças para ser um santo”.

(*in* poema “Soneto”, 1948)

“Em nome da vida” dá uma resposta clara à súplica de 1948: nem a fé foi perdida, nem gasta foi a vida loucamente vivida. E se as forças necessárias

para ser santo não puderam ser reunidas, certamente a fé permitiu pagar o preço (“Como se fosse um posfácio”, p. 43) para o caminho percorrido (“O Caminho”, p. 29).

A terceira e última parte do poema “Variações de um singular plural”, denominada “Síntese” em sua primeira versão de 1979 e em versão definitiva de 1981 ainda não responde a cruel pergunta da poesia:

“Agora, mais uma vez a poesia me pergunta
quando é que os homens ficarão limpos e nus
como o espanto, o ato de amor que não precisa
explicar-se com palavras e discursos
diante os relâmpagos e dos hinos que anunciam
o definitivo dia do Homem sobre
Os inúmeros túmulos de Deus em nossa história?”

(in poema “Variações de um singular plural”, 1981, p. 140)

Onde a esperança?

Essa é mais imediata porque diz respeito à temática libertária e socializante do poeta; diretamente ligada ao seu engajamento político. Ela denuncia a alienação, mas quer seguir adiante. A denúncia aqui está grávida do porvir e transborda do dia-a-dia do poeta, militante, intelectual ativo, engajado. Moacyr Félix foi sucessivamente membro do conselho de redação da Revista “Cadernos do nosso tempo” (1953) e secretário geral do Comando dos Trabalhadores Intelectuais (1962), organizador e prefaciador de uma série de temas para poesia em “Violão de rua”, divulgados pelo Centro Popular de cultura (CPC) entre 1062/63, fundador da Revista Paz e Terra (1965) e diretor da editora de mesmo nome (1966), fundador e diretor das revistas “Civilização Brasileira” (1965) e “Encontros com a Civilização Brasileira” (1978). Dirigiu a coleção “Perspectivas do Homem” (Editora Civilização Brasileira), envolveu-se a partir dos anos oitenta com os projetos das coleções “Poesia Hoje”

(Civilização Brasileira) e “Pôster-poema” (esta última em co-edição com a editora Massao-Ohno). Moacyr Feliz faz questão de ressaltar, por questão de justiça e fraternidade, a figura ímpar de Ênio da Silveira.

Onde a caridade?

A caridade vem colada com a esperança sob a forma temática da solidariedade e do respeito ao ser humano. A expressão “respeito” recupera a questão da individualidade (ver o Outro com os olhos do Outro) e está sintetizada numa frase de Heidegger: “Eu só serei eu na medida em que tu fores tu” (p.15). Recupera-se a questão da fraternidade e da luta contra a tirania ao nível das relações interpessoais.

O poeta nos diz então que escreve num “mundo datado e situado, porém cada vez mais planetário e infiltrado em todos nós sob as formas das perplexidades, dos questionamentos e dos revolucionarismos resultantes da velocidade das imagens que o existencializam como tempo humano dentro de nossas retinas e em cada cômodo das nossas casas, dos nossos silêncios e das nossas cotidianas contradições”.

Num mundo em que não cabe, portanto, qualquer simplificação sectária ou maniqueísta, e no qual qualquer ação do homem, por isso mesmo, só é verdadeiramente criadora no campo da cultura, se trouxer em sua própria essencialidade, qualitativamente profundas e totalizantemente ampliadoras, exigências de transformações e de subversões.

Num mundo assim é que o poeta, desviando-se de qualquer visão tipo máquina fotográfica, atravessa as aparências da vida e tenta apalpar, em suas profundidades, o movimento de uma ou várias sínteses capazes de dar-lhe alguma significação e algum valor humanos. E tenta isso através do seu

específico trabalho de “pensar o que sente no mesmo ato em que sente o que pensa”.